

Editorial:

Um Geosaber anunciando tantos outros

Pensar um novo periódico científico, capaz de dialogar com a Educação Geográfica e suas interfaces culturais e ambientais. E a partir desse pensar, promover a percepção coletiva de que não é possível formar professores sem o espírito do pesquisador.

Eis a matriz cognitiva que nos faz descortinar o primeiro volume da Revista GEOSABERES. Eis, portanto, sua principal motivação de continuar veiculando o projeto do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC: a promoção de pensamentos geográficos centrípetos, múltiplos e direcionados para o mundo educativo. O mundo que ensina cada escola a ser uma escola especialmente contextualizada. Embora, nossas escolas públicas e particulares insistam em constituir “modelos de mundo ideal”, pela força das redes governamentais e empresárias a que servem. Desviam plenamente todos os seus sentidos dos mais significativos saberes do mundo. E tornam-se palco privilegiado de uma geografia doente, contaminada pelo vício do distanciamento científico. Para esta o movimento aparente do sol será sempre mais real do que sua imperceptível paralisia.

Os autores, que iniciam essa empreitada da GEOSABERES, podem não estar tão imunes às contaminações epistêmicas que nos afligem ou ameaçam. Mas demonstram a perspicácia daqueles agentes de saúde em meio a um campo de batalha. Enquanto as guerras vão fazendo suas vítimas e seus horrores, alguém precisa adentrar nos hospitais de campanha e fazer a micro-cirurgia ou a terapia do salvamento. Morrer, matar, sofrer ou assistir é muito mais fácil do que esse enfrentamento. É tão mais fácil que costumamos esquecer o que seria da Medicina sem os anjos das guerras; ou da Engenharia sem os espões de falhas nas catástrofes. Por isso os colaboradores desse primeiro número reproduzem o espírito de anjos e/ou espões para nos motivar a compreender os *geosaberes* como sopro de vida, remédio preventivo nas guerras e catástrofes em que o mundo fictício das escolas se transformou.

Começamos pelo artigo de Fátima Maria Soares Kelting, **METODOLOGIA APLICADA AO ENSINO DE GEOGRAFIA: Elaborar e Contar histórias**, no qual a terapia sobre o conhecimento científico do ensinar/aprender passa, necessariamente, pela dimensão lúdica do contar histórias. Neste processo, o tecnicismo dos conceitos acadêmicos, tal quais compostos químicos e farmacêuticos não dispensam sua exposição mágica. Um arquipélago de múltiplas ilhas de conteúdo ganha a significação que o professor quiser orientar.

Adiante temos o trabalho de Ângelo Serpa desenvolvendo o artigo **PATRIMÔNIO E PERIFERIAS FRENTE AO TURISMO** a fim de refletir sobre a tarefa da Geografia Escolar em gestar uma compreensão popular de Patrimônio. O “cenário de guerra” do autor são três bairros da complexa cidade de Salvador-BA e sua opção de análise, é fazer de um caminho difícil uma proposta instigante. Mariana Mendes em **A OBRA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE E A PRÁTICA DOCENTE NA GEOGRAFIA: Contribuições para o Pensamento Geográfico** traz a nossa lembrança duas importantes alusões sobre as ideias de Freire: ensinar não é transferir conhecimento, mas é uma prerrogativa indiscutivelmente humana. Pois *não foi a educação que fez dos seres humanos educáveis, mas a consciência desta in-conclusão que gerou a educabilidade* (p.33).

O texto seguinte de nossa autoria retoma o espaço da reflexão geográfica sobre o patrimônio cultural, desta feita vinculada a expressividade política e eclesial dos santuários. Denominado **DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DAS CIDADES-SANTUÁRIOS NO ESTADO DO CEARÁ (BRASIL): Políticas patrimoniais e diocesanas**. Situando questões relativas a gestão do patrimônio nos grandes eventos das dioceses cearenses, o artigo reivindica os vínculos de interdependência entre a comunicação e a visitação; desafios dirigidos indiretamente ao saberes geográficos escolares que não priorizam essa relação na aprendizagem cotidiana.

Talvez por que a questão publicitária do par violência/segurança, indicados pelo estudo de Maria Clara Sidou Monteiro, **AS RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE INFÂNCIA E MÍDIA ATRAVÉS DA MEMÓRIA SONORA**, esteja cada vez mais ativas como jingles capazes de nos divertir e poluir feito crianças eternas no espaço das virtualidades. Adiante, Ilaina Pereira expõe com **FESTA NO BAIRRO: Conteúdos geográficos?** os questionamentos sobre os saberes festivos da cultura carnavalesca local e sua rejeição no universo escolar. E para finalizar essa dicotomia de saberes, Cristina Imaculada Santana de Oliveira, em **NOVAS MÍDIAS: O Texto Jornalístico em Sala de Aula**, reitera que precisamos *compreender o funcionamento e a potencialidade de interação com tais meios pode transformar sim o que chamamos de instrumentos de mídia em instrumental pedagógico*.

Se os desafios estão ainda descobrindo a imagem sonora e o texto jornalístico como novidade que se refaz na defasagem formação + investimento docente, que juízo pode-se aguardar das experiências da alfabetização docente nos sertões rurais do país? Thânia Sucupira e Adryane Gorayeb nos surpreendem, inaugurando o Espaço Metodológico (segunda seção da Revista) com o artigo **PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO EM PENTECOSTE (CEARÁ): Cultivando novas formas de pescar o mundo**. Fica nítida, pela experiência relatada e refletida, a força multiplicadora das poucas agentes – Coordenadoras e Professoras – mais aplicadas diante das mínimas condições que um programa governamental induz. O que nos faz questionar: até que ponto a multiplicação de investimento financeiro pode ser traduzida pela emergência de novas lideranças educativas?

Com hipóteses plausíveis ou sem nenhuma ideia, uma crônica e um conto sobre as mudanças imagéticas e discursivas são apresentadas na última seção dessa revista. **JANELAS** de autoria de Tiago Vieira Cavalcante e **PATRÃO** de Bernadete Bezerra abrem outra dimensão fundamental ao saber geográfico contemporâneo: lidar com a cientificidade dos gêneros literários, fazendo-os emergir no contexto educacional. Sem perder, contudo, a dureza de não pretenderem-se didáticos e a ternura do descompromisso de dizer muito em pouquíssimas palavras.

A depender desses *médicos sem fronteiras*, as guerras da ciência geográfica no mundo educativo poderão até serem mais sangrentas... Mas no sentido de fazer bombear sangue às veias, mesmo quando tudo parece (e somente *parece*) perdido.

Christian Dennys Monteiro de Oliveira
cdennys@ufc.br
Conselho Editorial